

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**O «ZÉ TIMÓLGO»**

POR ISOLDINA

HAVIA numa vila qualquer, um pobre rapaz apavilhado, a quem o povinha chamava o Zé letrado por ter uma forma de falar e entender as coisas, diferente da outra gente. — «O senhor professor — esclareceu uma mulherzinha — disse uma vez para êle, que era um bom «timólgo»; e como o senhor professor é a pessoa mais entendida cá da terra... Ele lá sabia porque lh'o chamava.»

E, desde então, ficou sendo conhecido pelo «Zé Timólgo.»

O professor chamava-lhe: etimólogo, por brincadeira, claro está. Este nome, não sei se os meninos sabem, dá-se áqueles que se entregam ao estudo da derivação das palavras. Assim, por exemplo: — o nosso Zé *aviava* recados (ou fazia aviados, como se costuma dizer) pois as suas faculdades mentais, um tanto destrambelhadas, não lhe davam capacidade para mais.

Ele, então, quando lhe perguntavam em que se empregava, dizia: — «sou aviador.»

Um dia mandaram-no procurar o senhor Calixto. E, como não estivesse em casa e no caminho, por acaso, encontrasse um destes homens que habitualmente percorrem várias terras, ganhando a sua vida, extraindo os calos à humanidade atormentada por êsse mal, e transportam essas inestéticas verrugas, artisticamente encaixilhadas num quadro, debaixo do braço, para reclame, o pobre Timólgo, que conhecia os calos melhor do que o snr. Calixto, convida-o a ir a casa do seu patrão. Foi uma surpresa e risota geral, já se vê. Noutra ocasião, mandam-no chamar o snr. Lotário; e êle foi a uma casa de lotarias que ali havia, e, dirigindo-se ao proprietário da dita, pediu-lhe que fôsse falar ao seu patrão.

Desfeita a confusão e apresentadas as desculpas, o Zé levou um bom ralhete, e ameaçaram-no de não mais lhe darem que fazer se, dali em diante, não tomasse bem conta nos recados que lhe confiavam.

O pobre rapaz ficou muito triste e por ali andava deambulando e pensando na sua triste sorte, quando viu numeroso povoleo e ouviu palmas e vivas que era um nunca acabar. Aproximou-se... Metendo o nariz aqui e ali por entre a multidão, conseguiu apanhar algumas palavras soltas, pedaços de frases, tais como:

— «O senhor administrador, muita honra, empossado, viva o empossado, etc., etc.»

De sobre um muro, onde se encarrapitou, conseguiu lo-



brigar um cavalheiro muito bem vestido, a quem as senhoras, das janelas, lançavam flores, e as crianças mais bem vestidas, as filhas das fidalgas da vila, saíndo-lhe ao encontro, ofereciam lindos ramos de flores.

No seu apoucado cérebro martelava esta palavra: *empossado, empossado*. Ele coçava na cabeça, hesitante, mas, por fim, como não sabia exclamar: — eureka! — como Arquimedes, exclamou apenas: — «Ah! já sei; empossado, — caiu ao poço. É isto: caiu ao poço. E por ter caído ao poço é que o tratam tão bem!... Safa, que sorte! Mas êle não está molhado, até está todo bem posto, o figurão. Então, eu passo a apanhar descomposturas e não arranjo outra vida por mais que faça? Ora...»

Começou, então, a perguntar ás cachopas da terra, quando apanhava a jeito as mais feitosas: — «Olha lá, se eu cair ao poço, queres casar comigo?»

Elas riam-se chamando-lhe doido e voltavam-lhe as cos-

(Continua na página 8)

PORTUGAL

Por
JOSINO AMADO

(Continuado do numero anterior)

METRÓPOLE

— Lindos Açores, teus imensos brilhos,
Do mar embalador nas águas cérulas,
São a prenda que os meus heróicos filhos
Deram a sua mãe — colar de pérolas! —

CABO VERDE

— Nós somos dez irmãs, não digo nomes,
Pois da lembrança nenhum luso os perde;
O ousado marinheiro Diogo Gomes
Nos descobriu; chamou-nos Cabo Verde!

A minha situação privilegiada,
Os meus bons portos, côncavas baías,
E gente heroica, são, da Pátria amada,
Manancial de imensas energias!

Dou-vos café e ricino, purgueira
Para sabão; no mar sou pescador,
E o meu bom sal da raça aventureira,
Incorruptível manterá o ardor! —

METRÓPOLE

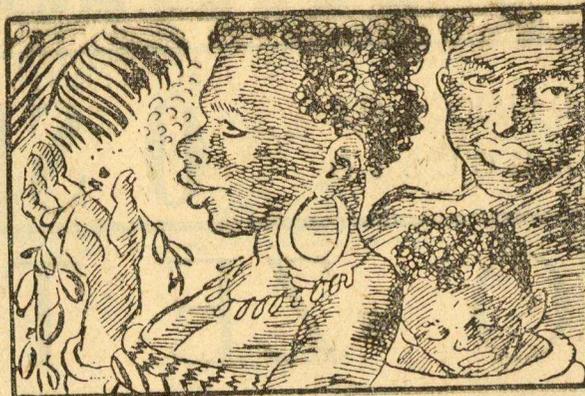
— Bondosas filhas minhas, da natura
Sofreis por vezes o rigor ferino,
Eu valerei, porém, à dor, tortura,
Dando-vos força contra o mau Destino!

GUINÉ PORTUGUESA

— Depois que Gil varreu o medo, o espanto,
A treva hostil da vastidão dos mares,
Tristão achou, morreu neste recanto,
Guiné dos plainos, rios e palmares!

O meu solo é fecundo e os meus esteiros,
Para transporte, são rápido trilho;
Dou madeiras, borracha, altos coqueiros,
Cera, gado, tabaco, arroz e milho!

É o meu clima cáldo, insalubre,
Porém, com medicina, muita higiene



E sábias precauções, serei salubre
E da Pátria um filão rico e perene —

METRÓPOLE

— Filha querida minha, que és um tçoço
Do meu lindo torrão continental,
Eu saberei mostrar ao ódio adverso,
Teu rico e fértil solo quanto vale! —

S. TOMÉ E PRÍNCIPE

— No grande gôlfo acharam, da Guiné,
Pedro Escolar e João de Santarém
Ilhas do Príncipe e de S. Tomé,
Que honra subida são da Pátria mãe!

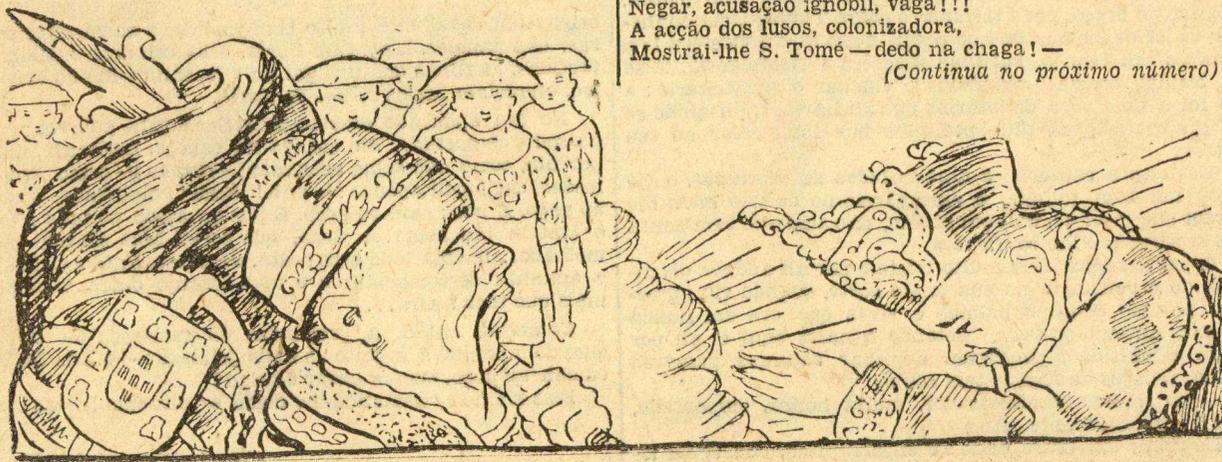
É nossa área noventa e uma vezes
Menor que o Portugal que banha o Douro,
Porém, de S. Tomé os portugueses
Fizeram roça que val' minas de ouro!

O meu cacau, café, óleo de palma,
Açúcar, quina, copra, cedros, manguê,
Bastavam, por dar vida, por dar alma,
A Pátria que estivesse à morte, exangue! —

METRÓPOLE

— Se língua de reptil, caluniadora,
Negar, acusação ignóbil, vaga!!!
A acção dos lusos, colonizadora,
Mostrai-lhe S. Tomé — dedo na chaga! —

(Continua no próximo número)



Nobre exemplo de amor filial

Por ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

COM seus pais, uns humildes e pobres pescadores, vivia João numa barraca junto ao mar.

Vida de sacrifícios era a desta pobre família. Da pesca vinha o ganho para viver, e Deus sabe

as privações passadas, quando, por vezes, o mar bravio impedia o tio José de lançar as rédes.

A mãe, a tia Joaquina, doente e cansada pelo labutar da ajuda que sempre dera ao marido na rude vida do mar, estava, agora em casa entrevada, tendo, como companhia amiga, o João, garotito de 8 anos, esperto e bastante amigo dos pais.

Embora ainda criança, cedo começara conhecendo as agruras da vida e preciosa era, já, a sua ajuda nos trabalhos do mar. Ainda a manhã vinha longe, e era vê-lo na praia ajudando o pai a preparar as rédes, ou acompanhando-o a lançá-las, lá longe, no oceano onde, por vezes, os perigos surgem, ora duma tempestade imprevista, ora da súbita revolta do mar, que, de quando em quando, punha em perigo as duas vidas. Porém, a boa estrela acompanhava-os sempre, e dava-lhes alento para confiarem na rude tarefa a que a vida os obrigava, heróis que labutam no mar, e dele fazem arriscada profissão.

Todavia, o inverno aproximava-se. Os dias nasciam já triste e acabrunhados, presentindo sempre temporal. A chuva começava logo ao acordar da manhã, trazendo consigo o som impressionante da trovoadas que punha em alvorôço toda aquela pobre gente.

Na praia, os velhos pescadores contemplavam o mar, negro e revólto, e divisavam no horizonte, de nuvens carregadas, temporal forte que, a confirmar-se, impediria a saída de todos

os barcos, privando aquela pobre gente do seu único ganha pão. Por isso, as horas de preocupação sucediam-se e no rosto de todos a angústia se tornava em lágrimas de quem queria trabalhar mas não podia.

A Fatalidade, todavia, chegara à casa do tio José.

A doença levava-o também à cama, e impedia-o de ir para o mar.

A miséria rodeava-lhe já a choupana. Porém, João, a-pesar-de garoto, previra a fatalidade que o ameaçava, e pensou que talvez êle a pudesse remediar.

Uma noite, as lágrimas dos pais fizeram-no chorar também.

Deitou-se mas, de madrugada, sem



que o presentissem, resolveu levantar-se e ir para o mar sozinho.

Dirigiu-se à praia, preparou as rédes, embrulhou-se em suas roupitas e ei-lo, sozinho, empurrando o barco para ir procurar algum peixe que lhe vallesse um pouco de pão, para os seus.



O mar estava calmo, e de manhã parecia tranquilo. João afastou-se, lentamente, e lá foi remando com dificuldade, de vido à sua pouca força, em direcção ao largo.

Entretanto, em casa, os pais estavam sobressaltados com a sua ausência quando um seu vizinho os veio prevenir de que o seu barco não estava na praia! E um grito de dôr se ouviu. João fora sozinho, para o mar, diziam os pobres pais, a todos suplicando que o fôssem buscar.

Porém, súbitamente, o sol esconde-se. O céu aparece carregado de negras nuvens. Os relâmpagos surgem, repentinamente, em descargas cerradas. Toda aquela gente se desloca para a praia, pois já se sabia do arrojo da pobre criança. Não havia dúvida, um temporal se levantara e o mar, que de manhã parecia acariciar o nobre gesto do garoto, estava agora revoltado com a sua audácia e o seu arrojo, lançando-se ferozmente contra a praia, numa luta feroz e invencível.

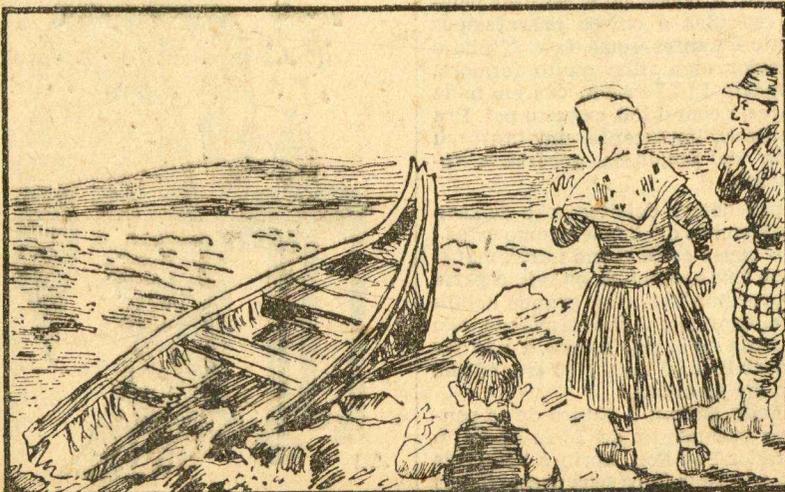
A noite ia chegando. João não aparecia e uma tragédia se tornava possível. Para o mar ninguém se aventurava a sair; era perigoso. E a tempestade continuava, indiferente à dôr dos pobres pais, e daquela pobre gente que, a pouco e pouco, ia perdendo as esperanças de que o pobre Joãozinho voltasse.

E a noite, que surgia, acabou por roubar-lhes a última esperança de ver regressar em seu barquito, radiante e contente, a infeliz criança que destemidamente tentara buscar para aqueles que êle tanto amava, os seus pais, o pão que lhes faltava.

Mas... João não voltara, e a tempestade continuava furiosa.....

Manhã seguinte....

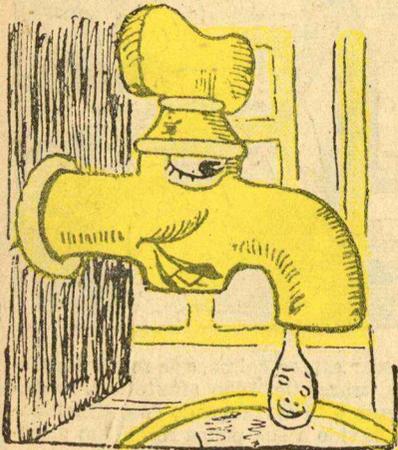
Os sinos da igreja dão alarme. A' praia viera ter, trazido pelo mar, um



O ULTIMO PINGO

Por LAURA CHAVES

A avó, a velha torneira, dizia assim aos pinguinhos: — venham para a brincadeira mas com cautela, netinhos.

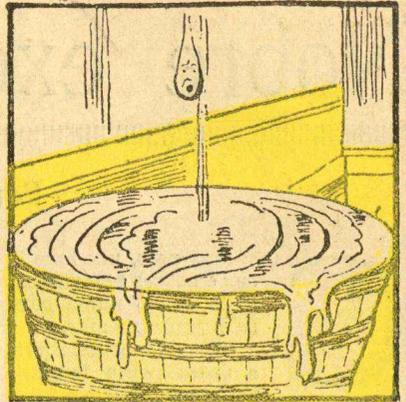


Começaram a sair, um após outro, à porfia, tinham pressa de cair para dentro da bacia.

Chap-chap... iam cantando... os pingos, sempre a bailar... e a água essa ia aumentando, té já estava a trasbordar...

Ao ver tal, a avó torneira, soltou, aflita, êste brado: — vocês vão fazer asneira... parem, netinhos, cuidado!

Mas o último pinguinho já não poude recuar e foi êle que, sozinho, fez a água trasbordar.



Os irmãos, em tom agreste, gritaram: — que desastrado! Para que foi que vieste? tu é que foste o culpado!

E' coisa muito sabida e mais velha que o dinheiro: ninguém queira ser, na vida, o pinguinho derradeiro.



A ESPERTEZA dum CHINÊS

Por MARIA dos MILAGRES
Desenhos da AUTORA

VIVIA, há muitos anos, na China, um rapaz que se chamava Li-Fu e que era muito esperto e desembaraçado. A estas qualidades morais, juntava êle a felicidade de ser rico, poderoso e muito bonito.

(Não se admirem os meus meninos por êste facto, pois podem erer que, a-pesar-de ter a pele tão amarela como uma banana, uns olhos que formavam dois acentos: um grave, outro agudo

e um rabicho respeitável, o nosso Li-Fu era um rapaz simpático — pelo menos para as chinezinhas, suas compatriotas!)

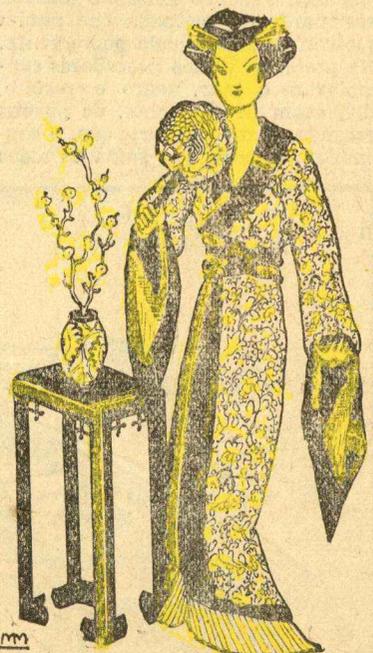
Ora, governava a China nessa época, o imperador Pon-Pon, que era o chinês mais gordo e prazeteiro que se possa imaginar. A sua vida passava-se a dormir, a comer ou a resolver palavras cruzadas e outros passatempos tão interessantes como êste. Tinha o imperador uma filha muito formosa, a princesa Li-Li-Pá-Pá, que em nada se parecia com o seu augusto pai. Era caprichosa, impaciente, um tanto ou quanto mal criadinha, soberba e voluntariosa.

A par dêstes defeitos, não deixava de ter algumas qualidades, como estas: — não metia os dedos no nariz, manejava os dois pauzinhos, ou seja o garfo e a faca chineses, com grande habilidade e, quando apanhava mósca, não lhes fazia mais mal algum, a não ser arrancar-lhes as asas. Não era, enfim, muito má menina.

Quando chegou à altura de se pensar no casamento de Li-Li-Pá-Pá, o imperador Pon-Pon, abriu a boca três vezes, pôs de lado os seus passatempos

barco. Era o do tio!... João, o pobre garoto, ficara lá sepultado, para sempre, no cemitério dos pescadores, o mar. Não regressou trazendo o pão para os pobres pais, a quem êle tanto queria, e pelos quais dera a vida, mas o seu exemplo de amor filial, verdadeiro, tocára o heroísmo.

Pobre criança, 8 anos apenas, cérebro ainda pequenino mas de pensamentos sublimes, que buscou, na morte, a beleza do seu caracter, e a todos nós novos e velhos, meninos e meninas, nos oferece o mais elevado nobre exemplo de amor filial.



e mandou dizer, por todo o país, que a princesa ia escolher noivo e que, por isso, se apresentassem no palácio os príncipes e mandarins mais poderosos da China. Quando tal soube, Li-Li-Pá-Pá ficou furiosa, pensando que ia ser infelicíssima, pois, com certeza, não encontraria nenhum homem tão pa-chorrento e indulgente como o pai e assim, teria que tornar-se submissa e obediente perante alguém, o que não lhe agradava nada. Chorou, barafustou, rompeu dez kimonos de seda, desmanchou seis vezes o penteado complicado e atirou ao chão tôdas as jarras preciosas que apanhou à mão. Acabou por puxar o rabicho do pai, que estava aflitíssimo da sua vida e que, por pouco, não se escondeu debaixo duma mesa, com medo dela.

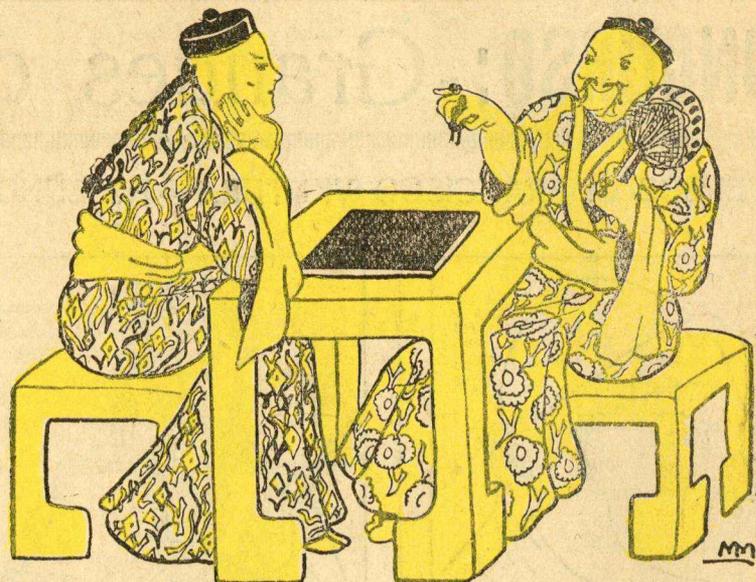
— «Não quero casar! Não quero casar! — (gritava Li-Li-Pá Pá) — Os homens são peste, só gosto do meu querido papá! Não quero deixar o meu querido papázinho!»

Foi tal a lamúria que o pobre imperador pensou, tornou a pensar e disse, por fim:

— «Pois bem, minha celeste filha, farei qualquer coisa que te irá livrar do casamento e da peste dos homens. Direi a todos os príncipes que só os admitirei como meus genros, se derem uma prova de sagacidade, adivinhando um enigma que hei-de propôr-lhes.»

— «O que é, o que é, meu celeste pai?» — perguntou a princesa, cheia de curiosidade.

— «Isto só; (respondeu o imperador.) — Terão que adivinhar qual a palavra que os meus reais dedos escreverão num quadro prêto e terão que adivinhá-la ainda antes de ser escrita. Assim nunca acertam porque, por mais palavras que pensem, eu escolherei sempre uma outra diferente.»



— «Que bom! Que bom! — (disse a princesa, aos pulos, cheia de alegria.) — Estou livre, estou livre! Já posso fazer maldades, muitas maldades!»

Como o imperador Pon-Pon disse, assim aconteceu. Todos os príncipes, depois de muito puxarem pela inteligência, diziam várias palavras, enquanto êle, sorrindo, satisfeito, segurava no giz e esperava, ... mas o que resultava era o seguinte: se o pretendente dizia «cão», logo o imperador baixava a gorda mão e escrevia «gato» se dizia «mesa», a palavra escrita era «banco» e assim por diante. Os príncipes iam-se embora tristes, e o imperador dizia:

— «Que pena! Esteve quási a adivinhar! Por pouco não acertava!...»

Ora, não sei se os meninos ainda se lembram do Li-Fu, aquele rapaz esperto e bonito, de olhos gramaticais (porque formavam dois a centos) que lhes apresentei no princípio d'êste conto. Ainda se lembram? Pois bem, o Li-Fu, assim que viu todos os pretendentes serem vencidos pela astúcia do imperador, decidiu êle mesmo ir resolver o tal dito enigma. Vestiu o seu melhor kimono, escovou o rabicho e foi ao palácio, apresentar-se. Logo admitido à presença do celestial soberano êste explicou-lhe o que tinha a adivinhar. Quando, porém, viu o imperador erguer o giz e fitá-lo sorridente, o nosso Li-Fu, que era esperto a mais

(Continua na página 8)

INFÂNCIA

Por GRACIETTE BRANCO

Para o Colégio, a Maria,
parte, cheia de alegria,
sacola ao ombro, olhar franco.
Quando surge, quando passa,
fico enlevada na graça
do seu bibezinho branco!

Não é bonita, isso não;
mas tem o estranho condão
da sua idade inocente...
Ser criança é ter no olhar
divino Céu a brilhar
diverso de tôda a gente!

Na voz alegre e leal,
no sorriso natural
com que ela acarinha, afaga,
palpita a graça da Infância,
sublime, estranha fragrância,
que a Vida a todos apaga!

Que pena a Vida ser má!
Maria vai acolá
tão fresca, tão engraçada...
Mas depois de percorrida
a longa estrada da Vida,
que é dela a trança enrolada?

Que é dela a breve piúga,
a fronte sem uma ruga,
o vestidinho de folhos?
E aquela alegria calma
que lhe subia da alma
e pousava nos seus olhos?!...

E o laçarote encarnado?
E o beicito lambuzado
por «drops», infantilmente,
que ela, cheia de alegria,
comprava na mercearia
a saltitar de contente?!...

Tudo a Vida apagará,
mas, até lá, até lá,
ri, canta, brinca Maria!
Anima teu rosto franco
e veste o teu bibe branco,
salta e pula todo o dia!

Não penses que a Vida foge!
Pensa, só, no dia de hoje,
fresca, feliz, engraçada!
Maria, alegre o teu rosto!
Inda vem longe o Sol posto,
mal desponta a madrugada!

F

I

M

CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



6

Portugal não é, sòmente,
País de navegadores,
De guerreiros denodados,
De valentes aviadores.

É, também, um país lindo
De gente que sabe amar,
Que o Bem, apenas, pratica,
Rezando, em vez de chorar!

É também um país lindo
De grandes poetas berço,
Que o Amor, a Pátria e Deus
Colocam dentro dum verso.

Um dèsses homens famosos
É o que estais vendo aqui,
Pois teve um lugar no mundo,
Como poucos outros vi.

Foi médico muitos ilustre,
Tendo um belo coração,
Depois, foi Deus sòbre a terra...
Chamou-se



7

Cheio de fôrça e vontade,
Anima os homens do mar
E dá alegria àqueles
Que andam a terra a cavar.

A fogosa mocidade
Manda prá escola a estudar,
Pois ser fidalgo não é
Sòmente saber lutar.

Depois canta eternamente;
Põe, com suavíssimo jeito,
Em canções, cheias de encanto,
O que tem dentro do peito.

E junto dele — que lindo! —
Vive um ser celestial
Que transforma o pão em rosas
E faz fugir todo o mal.

Se teve, acaso, desgostos
Também foi muito feliz.
Não há vida mais ditosa
Do que a do rei *Dinis*



8

Quem tiver ódios consigo,
Não pense em mal praticar,
Pois a Rainha vem lá
E não os deixa mostrar.

Quem tiver negra doença,
Não se ponha a soluçar,
Pois a Rainha vem lá
E tudo sabe curar.

Quem andar cheio de fome,
Não fique de triste olhar.
Pois a Rainha vem lá
E traz pão para lhe dar.

E se o rei, mal informado,
Aqui vier espreitar,
Não tremeis que, em vez de pão,
Lindas rosas há-de achar.

Pois só milagres famosos,
E lindos como um vergel,
Saem das mãos da formosa
Rainha Santa Isabel

A N E D O T A S

Gregório fazia parte dum grupo excursionista.

Nessa noite, realizava-se a reunião da assembléa geral. Gregório viu, em certa altura, levantarem-se conflitos. Levantou-se e disse, dando murros na mèsaa:

— «Metade das pessoas que tomam parte nesta reunião são idiotas!»
— «Fora... Fora!... Retire o que disse!» — gritaram alguns sócios.
— «Muito bem. Metade das pessoas

que tomam parte nesta reunião não são idiotas!»

O negócio de Calino aumentava. Arranjou um criado.

Certo dia, o criado entra, a gritar, no escritório do nosso herói:

— «Senhor Calino, senhor Calino, está a casa a arder!»

— «Cala-te, João. Não grites dessa maneira! Escusam os vizinhos de saber o que se passa cá em casa.»

Outra vez, o criado apareceu a Calino, com o jornal na mão, muito assustado.

— «O que tens tu que estás tão espantado, João?»

— «Li no jornal que um furacão varreu uma cidade e deitou tudo abaixo, em menos de um quarto de hora.»

— «Vê lá, João. E não tens tu vergonha de lebares duas horas a varrer uma insignificante casa!»

Hora de recreio

CHARADAS, ADIVINHAS, ENGENHOCAS, JOGOS, ETC.

Meus meninos:

Ora cá estamos nós às voltas com as charadas e engenhocas que, por sua vez, lhes farão dar a volta ao miolo. Como facilmente se verifica, esta secção destina-se a recrear e aguçar o vosso espírito ainda em formação, proporcionando-lhes problemas e outros passa-tempos agradáveis e de facilíssima interpretação. Sabemos que os meninos são uns «alhos» para as charadas, pois aí tem com que se entreter. Não custa nada: é só olhar e ficam «mortas» à primeira vista... Mas, como nem só de pão vive o homem, nem só de charadas os meninos, resolvemos presentear-lhes, ainda, com uns problemazinhos, engenhocas e outras coisinhas mais que se seguem e seguirão.

Estamos tão entusiasmados com a ideia de desenvolver esta secção que parece já estarmos a ver os meninos à hora do recreio e livres das preocupações dos estudos (é isto que interessa em primeiro lugar) agarrados ao «Pim-Pam-Pum» em vez de andarem estragando o calçado a jogar a bola ou o fato, a jogar o berlinde.

Aguardamos as vossas cartinhas com as decifrações e resoluções dos problemas do presente número, dentro de oito dias. Podem também enviar os vossos trabalhos charadísticos, assim como outras coisas no género que temos à vista e mesmo engenhocas. Tudo será publicado, se satisfizer o que para isso é necessário e considerarmos ser digno de interesse para todos os leitorzinhos. Os trabalhos, enviados pelos meninos, sairão com a devida nota de autoria, de modo especial as charadas, estas exclusivamente da vossa lavra. No final de doze numeros quem as tiver solucionado, em maior quantidade, apanha um interessante livro de histórias engraçadas.

E agora, mãos à obra... Miolo a postos, que vão matutar um bocadinho!...

PALAVRAS CRUZADAS

1	2	3	4	5	6
7	N	A	V	R	A
8					
9	D	E			
10	N	E		11	12
			13		
14	S	S			

AT

HORISONTAIS: 1 — Graduação; 7 — Navegadores; 8 — Medula dos ossos; 9 — Composição poética; 10 — Lida novamente; 13 — Cheiro; 14 — Parte dura e sólida que forma o arco-boço do corpo do homem e dos vertebrados.

VERTICAIS: 1 — Faço transbordar; 2 — Estado daqueles cujos órgãos não são perturbados por doença; 3 — Instrumento cortante (pl.); 4 — Liga (verbo); 5 — Que tem lá; 6 — Ocasião; 11 — Passado; 12 — Altar.

CHARADAS — N.º 1

NOVISSIMAS

1) O limite está firme em terra rija desta província portuguesa. — 3 — 2
Abrunhosa (o Hespanhol)

2) Do nome de homem toma «nota», «mulher!» — 2 — 1

Alfredo Matos

3) Este «pássaro» fugiu de além, daquela prisão. — 2 — 1

Ariévilto

SINCOPADAS

4) Há uma planta solânea que se assemelha com um roupão de mulher. — 3 — 2

Al Capone

5) A cadeia em que estava enclausurado, causava-lhe um imenso horror. — 3 — 2

A. Scavat

SINCOPADAS EM VERSO

6) Se eu sou tão eloquente — 3
O destino assim o quiz — 2
Mas, se fôsse mais prudente
Eu seria mais feliz.

Bêbé

7) Lembro aos caros confrades,
Aos de alma sonhadora,
Que quem governa em nós — 3
Inda é Nossa Senhora. — 2

COMBINADAS

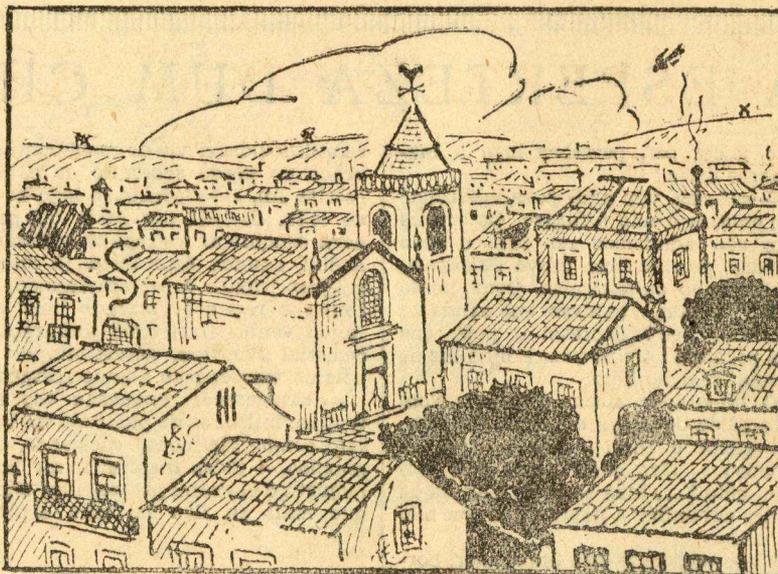
8) 1 + ge = cúmulo
1 + la = espécie de rabeça
1 + ca = covil
1 + ter = segurar

- 1 + to = sacro
- 1 + mara = fruto árabe
- 1 + ta = nome de mulher
- 1 + co = pau do bilhar

Conceito: Poeta português

António Freire

QUE TERRA É ESTA ?



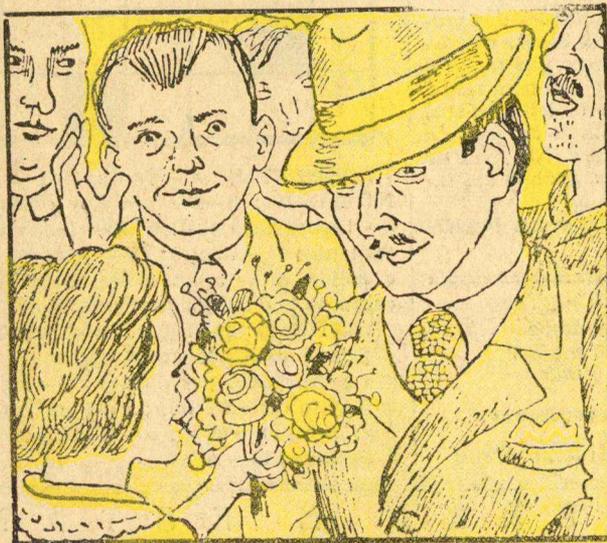
Examinem com atenção o desenho acima e procurem juntar as letras que lá se encontram disfarçadas. Com elas formar o nome duma cidade portuguesa.



O «ZÊ TIMOLGO» (Continuado da página 1)

tas: — «Ora o impoçado... E êle, encolhendo os ombros: — «Não acreditam, mas vocês verão!...»

Um dia, fez reunir a rapaziada da terra e algumas raparigas curiosas por saberem o que dali sairia, e, acenando-lhes misteriosamente, conduziu-os junto de um grande pôço, mas sêco havia muito. Olhando em redor a multidão, vendo todos os olhos fitos em si, respira fundo, faz peito, e, heroi-



camente, lança-se como um nadador para dentro do buraco, ante a multidão espantada.

Ao cabo de grande trabalho, lá conseguiram retirar o desgraçado, que trazia a cabeça cheia de galos e a cara arranhada, completamente inanimado.

Levaram-no á farmácia até que êle, quando voltou a si e se recordou, circunvagou olhares ansiosos em roda e perguntou: — «Então, as flores? As flores? Não me deitam flores?!»

Escusado será dizer que ninguém o compreendia. Todos tiveram dô dele e os próprios que antes o tinham ameaçado de não mais lhe darem que fazer (o que não passava de ameaça) cuidaram ainda mais dele e nomearam-no dispen-seiro-mór das capoeiras.

Ainda viveu um bom par de anos nesse mistér, e se não fôra uma noite de Natal, em que êle comeu chouriga até lhe tocar com o dedo, não teria morrido, como morreu, de uma chouricite aguda.

E então é que as almas caridosas lhe lançaram flores, as flores que êle não conseguira em vida.

fim

A ESPERTEZA DUM CHINÊS (Continuado da página 5)

não poder ser, percebeu logo a marosca e disse:

— «Alteza, vim aqui para adivinhar um enigma e não o futuro. Os bruxos não são admitidos no país e devo apenas prestar uma prova de sagacidade e não de feitiçaria. Como posso adivinhar uma palavra que ainda se não escreveu? Escrevei-a, pois, que vos prometo adivinhá-la. Ponho-me de costas, real senhor».

O imperador ficou pasmado com esta saída do rapaz e pensou consigo:

— «Este é mais esperto que os outros!... Ora que tal está o rapazi- nho, hein?... Mas também não há-de poder adivinhar a palavra, porque não vê nada.»

Nisto enganava-se o imperador, porque o nosso Li-Fu teve o cuidado de colocar-se diante de um espelho e assim,

sem dificuldade, viu os movimentos do braço do gordo soberano. A palavra escrita foi, *inteligência*, e logo Li-Fu, ao lê-la, decidiu dar mais um passo para conquistar a graça do imperador. Assim, quando êste disse já estar o enigma pronto a ser adivinhado, voltou-se o rapaz e, fazendo uma profunda vénia, fixou com admiração o celestial Pon-Pon, acrescentando depois de ter pensado alguns instantes:

— «Magestade, enquanto vos templo, milhares de palavras me ocorrem, como: «formoso», «delgado», «elegância», — tôdas inspiradas na vossa augusta e celestial pessoa, mas aquela que mais se fixa no meu espírito,

aquela que mais me sugeriu, senhor, é a qualidade que vos caracteriza, acima de tôdas e que é, com certeza, a palavra escrita: *inteligência!*»

O imperador quasi desmaiou de espanto e comção e a princesa Li-Li-Pá-Pá teve um ataque de nervos, ao fim do qual reparou que Lu-Fu era, afinal, muito interessante rapaz e parecia delicado. Deu, pois, a sua mão sem grande desgosto e o imperador Pon-Pon ficou, desde então, convencido de que os homens mais inteligentes do mundo eram dois: êle mesmo e o seu genro.

E acabou-se a história.

F I M